

O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE SEMANALMENTE.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 18000 MENSAS.

Anno I.

Fortaleza — Quarta-feira, 23 de Janeiro de 1878.

N. 31

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 23 DE JANEIRO DE 1878.

O commercio do Ceará e o governo.

II

O principal dever dos governos é promover a felicidade dos povos.

A razão de ser da administração d'um estado cessaria desde o momento que se não vizessem os nobres instintos de felicitar o povo.

Seja qual for o regimen governamental d'um paiz, a missão primordial do governo, o seu dever imprescritível é, por meio de medidas sabias e civilisadoras, condicionar os seus governados à comunhão dos povos avançados.

Desde que as cadeiras dos ministros servem de egide ao vicio e ao crime; desde que a administração se converte em venâga podre, em especulação de política partidária; desde que o cidadão dotado de qualidades nobres e austeras, capaz de competir para a missão de governar, é votado ao ostracismo, ou seja para saciar ambições egoísticas, ou seja para satisfazer caprichos mesquinhos; mal vae a não do estado, e em tal caso melhor é deixar o povo entregue aos seus próprios recursos.

No nosso paiz, onde a acção governativa, de ordinário, tem mais por mote o interesse individual do que o bem do povo, a civilização jaz para ali acorrentada ao carro do anachronismo. Nenhuma medida útil, nenhuma industria protegida!

O commercio, essa poderosa alavanca do progresso, é, sobre tudo, condenado ao abandono.

Segundo Ferreira Borges, o commercio é coevo com a civilização. Os governos, que merecem este nome, nunca perderão de vista fomental-o, animar-o e protegel-o: — a sua grande maxima reduz-se a removêr-lhe os estorvos: os seus inimigos são os privilegios, os monopolios, os contrabandos.

Se fosse entendida e observada a luminosa doutrina do sabio escriptor português, os nossos governos teriam cumprido uma grande parte da missão civilizadora que lhes é confiada.

Mas o que vemos? Será, por ventura, unicamente o indifferentismo dos homens d'estado do nosso paiz que opprime o nosso commercio?

Como, se o commercio se acha envolto n'aquelle nevoeiro espesso, de que nos fala o autor citado, —privilegios, monopolios e contrabandos? se a sua espilação reside nos altos depositários do poder?

Se o bem publico é a condição essencial da existência da administração, temos como consequencia necessaria que o zelo e cuidados d'essa administração deve subir, á medida que aumentam as necessidades do povo, e muito mais quando um período calamitoso lhe invade o lar, reduzindo-o a extrema penuria.

Chegou o Ceará a esta tristíssima condição!

A colera da natureza espandindo os seus vôos desoladores por sobre este desdoso povo, fal-o passar provações inauditas.

A miseria levanta-se devoradora, de todos os angulos da província. O povo, arquejando de fome, transpõe distâncias enormes em busca do litoral. Os gados acabam, á falta de alimentação. A agricultura definhava e morre a mingua de chuva e de braços. O commercio, circunscripto aos lugares onde o povo se acumula e já reduzido a proporções mínimas, recebe dos altos poderes do estado, não a protecção devida, não o indifferentismo simplesmente, o que já seria um benefício, mas o ultimo golpe destruidor!!

Do governo corrupto e corruptor do Sr. Cotelipe outra cousa não havia á esperar. Pedia para o occaso o seu período de felicidade. Era preciso acelerar o passo no campo da commandita. Era preciso aproveitar as ultimas horas de prosperidade em projectos vantajosos. Era preciso não perder o momento favorável de explorar a miseria que affligia uma província. Era preciso estabelecer a commandita em maior escala. Era preciso que novas figuras entrassem em cena; d'ahi a escolha necessária do Sr. Aguiar.

Tudo se fez, tudo se conseguiu. E a prova encontram-a n'un dos órgãos do governo Cotelipe, o *Pedro II* de 17 do corrente, que se exprime n'estes termos:

« O Visconde do Livramento e a comissão encarregada pelo governo de remeter generos alimentícios para as províncias do norte, compravam generos em alta escala.

E' incontestável o grande lucro que d'isto aufera aquella praça, quando devia o governo dirigir-se de preferencia ás fontes productoras, e não á Pernambuco, que actualmente importa taes generos.

Em pagamento feito pelo governo a tal comissão dos generos enviados até 31 do mês passado, eleva-se a somma de réis 1.080.407.000.

Generos despendidos até aquella data 1.199.192.500.

Resta o governo ainda (!!!) 118.785.410. Isto dispensa comentários.

Ante a poderosa commandita o commercio do Ceará exhala o ultimo suspiro!

A opinião publica acha-se revoltada; os sarcasmos, como setas ferinas, irrompem de todos os lados contra os homens do governo. Assim era de esperar: o indifferentismo também canga.

Mas... uma nova aurora desponta fulgurante para o Ceará.

O regio senhor d'estes povos *houve por bem* pôr por terra os delapidadores, os sanguinários do sangue do povo.

Os Cotelipes foram apeados do poder, e com elles, necessariamente, o seu delegado n'esta província.

Triste memoria deixa aos cearenses o Sr. Aguiar. A sua administração marca para a província uma época de dupla destruição — a secca devastadora levada ao cume, a delapidação desensfreada dos recursos destinados aos famintos pelos próprios homens do poder, pelo proprio administrador, convertido em *socio commanditario* de uma associação immoral, constituída em Pernambuco.

Quando a historia tiver a palavra sobre a nefasta administração do nobre conselheiro, o nome de S. Exc. será esculpido em letras indeleveis. Nos factos da província será traçado em caracteres inextinguíveis este pequeno periodo em que um administrador corrupto, um delapidador sem nome, *escolhido* para salvar a situação afflictiva d'uma parte importante do império, causou mal mil vezes maior ao povo e aos cofres publicos do que a longa vida esbanjadora do seu predecessor.

Novos homens são chamados á dirigir os destinos do paiz. Não conhecemos as suas intenções; podemos apenas alimentar esperanças.

Esperemos, pois, com os olhos fitos no céo.

Entretanto, parabens á província, parabens ao commercio, pois, cessou uma das terríveis calamidades que nos tem opprimido — o governo Cotelipe e o seu delegado n'esta província, cuja existencia está por momentos.

NOTICIARIO.

Visita imperial.—Por cartas recebidas da corte, consta-nos que S. M. o Imperador está se preparando para vir até nossa província, fazendo escala pela Paraíba.

A viagem será realizada brevemente, vindo o augusta visitante no transporte *Madeira*.

Elle que venha.

Escandalos! Immoralidade!—O Sr. Aguiar vem de praticar um acto que, por sua natureza, só pode ser assim qualificado.

A comissão de socorros da Imperatriz, segundo somos informados, emitiu na circulação alguns vales assignados pelo Rvd. padre Antero, na importancia de 7 a 8 contos de réis, e S. Exc. calcando a pés a dignidade de homem de bem e fiel zelador dos dinheiros publicos, acaba de mandar indemnisação, ficando aquelles vales na secretaria do governo, quando deviam ser enviados à thesouraria de fazenda, unica competente para julgar da validade de semelhantes documentos.

Outro acto, não menos escandaloso, consta-nos também que praticou S. Exc., mandando pagar a certo juiz de direito o saldo de uma conta de vinte e tantos contos de réis, por elle apresentada, antes de ser os documentos conferidos pela thesouraria de fazenda.

Dizem que taes documentos são duvidosos, e sobre elles o empregado incumbido de conferil-os acaba de dirigir ao governo uma minuciosa representação.

E' assim que o Sr. Aguiar está se despedindo da cadeira presidencial que, desgraçadamente, ainda occupa n'esta província!

O vapor Conde d'Eu.—No dia 3 do corrente seguiu para Frexeiras, Mundáhá, Acaraçú e Granja, carregado de generos, o vapor *Conde d'Eu*, o qual devia n'estes lugares receber emigrantes, e conduzilos ao Maranhão.

Segundo somos informados foi fretado pelo governo, vencendo 200\$000 diarios.

Já lá se vão 20 dias (4:000\$000) e nada de regressar!

Quando julgavamos que elle houvesse naufragado, eis que somos sabedores de se achar ainda ancorado no Maranhão, tendo de voltar com dois mil e tantos volumes do carregamento que levou d'aqui, por não poder effectuar o desembarque n'aqueles portos.

No entanto ainda no dia 17 seguiu também para as mesmas procedencias, carregado de viveres, o vapor *Maranhão*.

E é autorizando estes e outros esbanjamentos que o Sr. Aguiar intitula-se de economizador!

Thesouraria provincial.—Por portaria da presidencia de 21 do corrente foi nomeado indevidamente para o cargo de thesoureiro da thesouraria provincial o felizardo tenente Felippe de Araujo Sam-pai.

Com esta nomeação ficam vagos os lu-

gares de engenheiro e commissario da secca, que eram ocupados pelo feliz tenente, uma vez que elles sejam incompatíveis com aquele cargo.

Que fim terão os pobres cofres provincias com semelhante thesoureiro?

Se o Sr. Aguiar tivesse lido a representação dada contra S. S. pelo escripturário de fazenda Ignacio Ferreira Gomes, por certo não teria assignado tão affrontosa portaria.

Deus queira que os cofres não se convertam em *tabocas*.

Gratificação.—Ao commissario do 2.º distrito Joaquim Domingues da Silva consta-nos que foi arbitrada, pela presidencia, a gratificação mensal de 100\$000.

Por este acto de S. Exc. vê-se que os demais commissarios são tambem remunerados; pois não é possivel que semelhante precedente fosse aberto unicamente para o Sr. Joaquim Domingues.

Rebocados.—Para o Aracaty foram á reboque do vapor *Jerome* dous navios carregados de farinha a granel.

Quanto custará ao thesouro essa brincadeira do Sr. Aguiar?

Não seria mais economico que S. Exc. tivesse dado ordem aos seus socios de Pernambuco para expedirem esses navios d'aquele porto em direitura ao Aracaty, Aracruz ou outro qualquer porto da província?

Para que este luxo de virem os navios ou vapores carregados de viveres á este porto receber ordens do feliz socio dos *Cotegipes* do sul?

Pobre thesoureiro...

Felizes Cotegipes...

Comissão de engenheiros.—

Acham-se n'esta capital, vindos da corte, seis engenheiros que vieram em comissão á esta província estudar o modo mais facil de neutralizar os terríveis effeitos da presente s. das futuras secas.

Cada um d'estes illustres *felizardos* está chupando por mez a pequena somma de 1:000\$000, áfora as *despesas* que ninguem sabe em quanto montarão.

Nada tem feito, e nada poderão fazer que resulte em beneficio dos infelizes que habitam n'esta província; mas em compensação á isto já nomearam um escrevente, que nada tem á escrever, com o ordenado de 45\$000 por mez.

Espancamento barbáro.—Segundo noticiaram alguns jornaes d'esta capital, um soldado do destacamento de Arroches espancou barbaramente ao infeliz Francisco Vieira da Silva, que foi conduzido para a Santa Casa de Misericordia, onde se acha em perigo de vida.

Hontem era o capitão Procopio—martyrizando; hoje é uma praça de seu destacamento—espancando!

E a policia do Sr. Nogueira continua indolente ! . . .

Dr. Depaul.—Para assistir ao proximo parto da Princeza Imperial veio da Europa este illustre medico, que tem de tirar dos cofres publicos algumas dezenas de contos de réis em paga do primeiro banho que vai dar no futuro gueleudo.

Quanta falta de apreço á illustre corpo-

ração medica brasileira, e quanta insignificância de vergonha e dignidade nos medicos chamados do pago...

Contrabando.—Em Sergipe foi aprehendido um grande contrabando de farinha, a bordo do vapor *Cururipe*, da companhia pernambucana.

Dizem que aquelle carregamento era enviado á commandita estabelecida em Pernambuco, sob a firma—Livramento, Aguiar & C.

Avante especuladores! Em quanto vonta agua na vela.

Aracaty.—D'esta cidade nos comunicam o seguinte:

« *Maria Rosa da Conceição* —é o nome de uma orphã, de 15 annos de idade, filha da viuva Bonifacia Maria da Conceição, natural das Lavras, que, forçadas pela fome, vieram em peregrinação, cobertas de andrajos e crestadas pelo ardente sol, até esta cidade em procura da esmola do governo.

Pelas 7 horas da manhã do dia 28 do passado essas duas infelizes retirantes se dirigiram á um cercado velho a vista d'esta cidade, em procura de lenha. Quando amarraram seus feixes foram surprehendidas por um negro, que se achava armado de faca e espingarda, escravo de um abastado proprietario e influencia politica.

Tomada a lenha, imploram essas infelizes que lh'a cedesse, para adquirirem n'esse dia o alimento necessario, e o perverso negro pretendeu dar-lhe, porém por instinctos sensuas cedeu, procurando então empregar a sedução acariciando a heroica Maria, que conseguiu apoderar-se da espingarda e com ella defender-se da brutal agressão.

Apparecendo algumas pessoas em socorro de Maria, esta sacode para um lado a espingarda, e ao retirar-se é pelas costas ferida mortalmente com o tiro que lhe desfecha traíçoeiramente esse negro assassino.

Maria, agonisante e banhada em sangue, é conduzida para uma chaupana, em quanto o impavido malvado segue caminho seguro para casa de seu senhor!

Uma bala e diversos caroços de chumbo se acharam no dorso e costella da infeliz, que só depois de 24 horas foi levada em uma rede para a casa do Dr. Pacheco, que apenas se contentou em olhal-a com mós olhos, ordenando que a conduzisse para as barracas!

Que cardoso medico!

Que patriotismo!

E para tanto cynismo paga o governo 10\$000 diarios para se receber sem se ver os doentes, e se curar ao ar livre nas ruas e calçadas!

Nenhum commissario procurou ver e socorrer a heroína Maria!

A justica e a policia se tornaram indiferentes!

O intenso pavor que tem amortecido todos os sentimentos da população desvalida d'esta cidade, despertou de seu lethargico indifferentismo e brada pela punição do criminoso.

O Dr. promotor publico se mostrou contrariado, não pela sorte da victimá, mas pelo receio do cumprimento da seus deveres, contra um amigo poderoso!

Um vasto plano de exterminio peza sobre os infelizes retirantes d'esta cidade.

Estamos certos que tudo se envidará para a impunidade d'esse horroroso atentado.

Havemos, porém, de pôr tudo a limpo em prol da inocente Maria, que se tornou uma heroína em defesa de sua honra, caindo vítima do tránsito aristocrático.

Os bons são ordinariamente desgraçados, e os maus sempre mimosos da fortuna.

A infeliz Maria extorce-se pelas agoniais do sofrimento e prestes a expirar em completo abandono, ao lado de sua desventurada mãe inanida de fome!

O perverso assassino, affrontando a moral pública na cosinha de seu senhor, que, calmo e tranquillo, cobrirá a balança da justicia com o véo político!

Oh miseria! oh vergonha!

Levantatemos esse véo com a sagacidade de Tiberio, arrancando a máscara d'esses Satyros, protectores do crime e algozes dos infelizes retirantes.

CORRESPONDENCIA.

Aracatu, 14 de Janeiro de 1878.

E' bem triste o estado actual d'esta ou-tora esperançosa cidade, hoje invadida por um avultadíssimo numero de retirantes, que fugindo em falta de recursos de longínquos sentões, veem para aqui em torbilhões procurando abrigo.

E' bem doloroso ver o estado d'estas caravanas, que de momento á momento aqui entram, perseguidas pelo infortunio, (que em lugar de corpos vivos depara-se com cadáveres nus e já vacillantes) dirigindo-se à commissão d'aqui, onde, em lugar de commiseratio, encontram gritos e até mesmo pancadas.

E ainda torna-se mais triste velos voltarem d'ela banhados em lagrimas implorando a caridade particular, em razão de lhes ser negada a esmola do governo; tendo para isto bastante razão os membros da commissão, visto ter um avultadíssimo numero de empregados, que, semelhantes a verdadeiros abutes, devoram um pequeno cadáver magro e podre que é os mesquinhos generos para aqui mandados pelo governo de S. M. Imperial.

Consta-me que os empregados d'esta commissão estão bem gordos, ou cevados pelos farelos sobrados a noute dos salarios dos retirantes aqui em servigo. Acho ser real, quando ha poucos dias deu-se o seguinte: Um dos empregados d'esta commissão, o secretario, o Sr. Antonio do Lucio, mandou venderao Sr. Martiniano, pessoa fidelíssima e residente n'esta cidade, porção de litros de arroz, como certifício com as seguintes testemunhas:

1º Francisco Pinheiro da Costa Filho, residente n'esta cidade, diz: que indo em casa de Martiniano, pessoa d'ele conhecida, medir uma porção de farinha, junto com Manoel Felix da Cruz e Antonio Gomes Paulino, também d'elles conhecidos, per-

guntou ao mesmo Martiniano o que tinha n'aqueles quatro saccos que alli achavam-se presentes; ao que elle respondeu ser uma boa porção de arroz que tinha sido furtado da commissão, sendo vendido a elle a mandado de Antonio do Lucio, dizendo este, que era para o chá.

A 2º testemunha, o Sr. Manoel Felix da Cruz, morador em S. João, diz: que indo em casa de Martiniano em companhia de Francisco Pinheiro, ouvio Martiniano dizer que o arroz contido n'aqueles 4 saccos tinha sido furtado da commissão, sendo-lhe o litro vendido a 200 réis. E disse mais que o mesmo arroz a elle tinha sido vendido por um rapaz da commissão a mandado do empregado o Sr. Antonio do Lucio; ao que o mesmo Manoel Felix acrescentou: « Se eu estivesse aqui e dispusesse de dinheiro, também compraria furtado, porque comprava mais barato. »

A 3º testemunha, o Sr. Antonio Gomes Paulino, morador em S. João, diz ser real dito quanto Manoel Felix da Cruz e Francisco Pinheiro ha dito, pois achava-se também n'aquelle occasião em casa do Sr. Martiniano.

E d'esta forma vão se dando sempre factos idênticos e causando n'esta humilde população um verdadeiro espírito de censura, porém a nada elles se curvam e cada vez trabalham com mais actividade em praticarem factos propriamente ditos, contra a lei e a moral.

Consta-me mais, que já deve ter sido apresentado à thesouraria geral um saque de 1:100:000 réis a favor de um individuo (que dizem ser intruso na commissão) em razão de ter elle fornecido á mesma uma porção de roupa dada para elle coser, sendo a propria roupa cosida pelas pobres retirantes pela mesquinha quantia de 80 réis a peça, passando logo depois a commissão pelo motivo preço de 320; assim o diz a voz publica. Para isto chamamos a atenção de S. Exc. o Sr. Aguiar, e sobre este facto conchuelo dizendo: — voz do povo, voz de Deus.

Este individuo é um d'esses verdadeiros espadachins a quem todo mundo receia e certos membros da commissão se curvam e temem a sua garganta de hyena, e quer nas rodas, nas calçadas ou praças publicas insulta ao pobre povo retirante, assim como qualquer pessoa que censura aos degradantes d'esta commissão sem sentimentos de verdadeira caridade.

O membro suíço e Chiquimba, como diz elle, são bem activos pelas calçadas, isto é, em andarem com ligeros passos, porém no proprio momento que entram em suas casas batem a porta tão enfurecidamente, quando encontram um retirante, que o estampido causado assemelha-se ao de um canhão; e depois ao seu bon gout descancam em suas rôdes, em quanto os filhos da miseria morrem de fome em suas próprias portas.

Se os Srs. da commissão de soccorros do Aracatu se encorram com os retirantes, pecam as suas exonerações, que o Sr. conselheiro Aguiar não fará a minima reflexão em dat-as, e se este conselho tão prudente não quizerem tomar, tenham pa-

ciencia para puderem assim ganhar o reino do céo.

Au revoir.

* *

ULTIMA HORA. — Acaba de ser nomeado membro da commissão do Aracatu um sobrinho do celebre Pirão, o Sr. Manoel Monteiro da Silva Pirão, de quem os retirantes já estão receiosos; porém Deus queira que este seja o antídoto do seu celebríssimo tio.

Malacaba.

A PEDIDO.

Selvageria.

No dia 21 do corrente dentro dos muros da fortaleza, foram chicoteados diversos retirantes que ali estavam, e os soldados que applicaram tão barbaro castigo à eses infelizes, declararam n'essa occasião que faziam isso por ordem do presidente da província!

Parce incrivel que em uma cidade civilizada dé-se um facto d'esta ordem, mas é verdade que elle deu-se, e foi testemunhado por pessoas de todo criterio, cujos nomes poderemos declarar sendo necessario.

Foram, pois, chicoteados dentro dos muros da fortaleza de N. S. d'Assumpção diversos cidadãos brasileiros, que ali estavam esperando por um pedaco de carne e por um litro de farinha pôrde que o governo lhes manda dar por esmola, sendo depois disto preso um d'estes infelizes, em cujo pescoço foi atada uma enorme balla para conclusão de tão barbaro castigo.

O Sr. presidente da província deve estar satisfeito com a fiel execução das suas ordens, e nós vamos pedir a Deus que o faça sair d'esta terra que vá morrer onde não fôda.

O reproto Aguilar, perante o rei-modo de Satan.

SATAN.

Quem é tu, porque vieste das trevas, ao reino meu? Olha, aqui tudo é sinistro! E o mais sinistro sou eu.

Aguilar.

Gastei, Senhor, os meus dias, Do crime, nos lodaçães; A minha historia é mui negra, Negra como as saturnaes. Tem ella folhas nojentas Como as faces macilentes Da prostituta a mais vil; Como o riso da panthera. Como o gargalhar da fera Enfesada no civil vil. □

Fui na vida um renegado,
Adorei a corrupção,
Vendi os brios de homem
No mais infame balcão.
Tornei-me na mocidade,
Da cruel perversidade,
Um fiel adorador.
Atirei-me nas orgias,
Commetti mil villanias,
Do crime não tive horror.

Da sciencia no seu templo,
Por uma infamia eu entrei,
E a minha becca de lente
Ella mesmo eu profanei.
Profanei como um desrido
E com meu rir atrevido
Ah ! de tudo escarneci.
Manchei no lodo do crime
O que ha de mais sublime,
A infancia, eu corrompi !!!

Fui juiz venal, corrupto,
Muito inocente soffreu,
O culpado tendo ouro
Tinha sempre o voto meu.
A triste da orphandade
Roubava sem piedade,
Deixava pedindo pão !
E muda era a sciencia,
Eu não tinha consciencia,
Me dominava a ambição.

Tremei, Senhor, ante a historia
A mais negra de meus dias;
É salpicada de sangue,
De mil prantos, d'agonias.
Esta fronte encanecida
Foi vezes tanta homicida
Quantas cans teve ella então.
Tive instintos só de hyena,
Sobre cadáveres sem pena
Eu dansei como um dragão.

SATAN.

Ente predilecto, amado filho,
É digno de meu reino, é meu irmão,
Relata tua historia gloria,
Terás em meu imperio alto brasão.

AGUIAR.

De um povo flagellado
Fui cruel algoz, Senhor;
Quando gemia de fome,
De miseria, frio e dor.
Pelo governo chamado,
Fui eu só o desgraçado
Que aceitou tão vil missão.
Precisavam de um coveiro
Eu fui ser, só por dinheiro,
Me cegou a ambição.

Vi o quadro da desgraça
Representado ante mim;
Hesitei, mas este povo
Tinha eu de dar-lhe fim.
Fiz-me surdo aos gemidos
Que sahiam doloridos
Me pedindo compaixão;
A creancinha chorava,
Co' as mãos postas implorava,
Lhe n'ava, rindo, o pão.

Do meu throno nas escadas
Tinha o povo a sepultura,
Nas vascas d'aquellas mortes
Tinha eu minha ventura.
Quantas vezes eu chorava
Quando alguém as arrancava
Das minhas garras de fera,
Quando a velhice esfaimada
Socorrida e amparada
Pela caridade era.

Tinha pão nos meus celeiros,
De perverso eu o negava;
Tinha lar, vestidos, ouro,
Mas a fome disimava.
Tinha tudo, e tudo era
P'ra minha sanha de fera,
P'ra meu peito de jaguar,
Um insulto ao meu governo,
Que as cidades em ermo
Tinha eu que transformar.

Matei, matei sem remorsos,
Matei a mingua de pão.
Atirei nús ao relento,
Sem d'elles ter compaixão.
Chorava a triste donzella,
Quasi núa, a fronte bella;
Para cobrir-lhe a nudez,
Pedia por Deus, um trapo,
E se eu a ouvisse, um farrapo,
Negava mesmo, talvez.

Abuzei dos meus poderes,
Tornei-me rude villão;
A custa dos victimados
Cehei a minha ambição.
Trafiquei com as migalhas,
Negociei com as mortalhas,
Tornei-me abutre voraz.
E a populaça entre dores,
Na cruel noite de horrores,
Pedia socorro a paz.

E o resto, rezas que ao jugo
Trazia prezas na mão,
Esqueletos ambulantes
Feridos de inanição.
Mesmo rotos, esfaimados,
Foram prezos, arrastados,
Para o seu torrão deixar !
Indo morrer adiante,
Mas do seu lar tão distante,
Triste era o seu chorar.

SATAN.

És das trevas o genio mais portente,
O mais leal que tenho conhecido;
A ti como o mais nobre de meus subditos
Como vice-rei, eu tenho l' escolhido.

Pragas encontradas a commettendo a porta do bacharel Julio Cesar Gomes de Castro, Juiz de direito da comarca de Tambo-
ril, em Santa Quitéria.

Ente cobarde, refolhado infame,
Para que t'inflame o coração traidor,
Vou praguejar com razão teu nome,
Morrerás à fome em louco furor !

Eis o teu fim, miserável bruto,
Cobrir de luto o teu nome hostil;
A fome, a peste, te persiga sempre,
Que faças trempe (*) com o negro vil.

Quizera eu ser a fera medonha,
Horribel peçonha de mao cascavel,
Fazer em teu peito cruenta morada,
A morte damnada trazer-te cruel.

Quizera eu ser um rijo tusão,
Deitar-te no chão, fazer-te ao abysmo !
Levar-te ao averno, Plutão se prepara;
Pizar tua cara de negro cynismo !

Se já tu és d'elle amigo fiel,
As gotas de fel dezejo que tragues;
Dezejo que as pestes teu corpo persiga
E que em fadiga, em trevas amargues !

Que Deus o permitte, já tenho sciencia,
Por que a prudencia me faz convenser
Que aquelle que sofre com calma a traição
Terá o perdão de quem deu-lhe o ser !

E tu, oh ! maldito, que paga terás ? !
Ter por Satanaz amigos na morte ? !
Na vida flagelos, tormentos e dores,
Cruentos rigores ! — Eis pois tua sorte !!

Ao governo.

Desgraçada, mil vezes desgraçada, é a sorte dos infelizes retirantes !

Não sendo bastante o terrível flagello da secca, estamos aqui sem garantias de vida.

Não é somente de fome que se morre n'esta infeliz povoação, é também de balla e chumbo pelas mãos dos sicarios !

Doze a quatorze pessoas já foram aqui victimas do bacamarte homicida, e algumas d'ellas, quem sabe, enterradas ainda vivas, para não descobrir-se o autor ou autores d'esses assassinatos !

Dois cadáveres d'aqueles desgraçados já foram encontrados; um no cercado do Sr. José Cunha, e outro no do Sr. Baymundo Francisco.

Os facinoras passeiam impunes e zombando da ação da justiça, que é, ou faz-se cega para elles.

Para garantir nossa vida pedimos o auxilio do governo.

Já que estamos condemnados à morrer de fome, é justo que, ao menos, estes ultimos momentos que nos restam de existencia sejam garantidos pelo governo de S. M. o Imperador.

Povoação das Areias, em Mossoró, 4 de Dezembro de 1877.

Os retirantes. (3)

(*) José Punaré e escrivão Herculano.